



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KARINA BALESTRA DA LUZ

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-454

Entrevistado/a: Karina Balestra da Luz

Nascimento: 21/01/1982

Local da entrevista: Cachoeirinha - RS

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 06/09/2014

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo e Suellen dos Santos Ramos.

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 39 minutos e 54 segundos

Páginas Digitadas: 20 páginas

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; início no futebol; início na escolinha do Sport Club Internacional; carreira no futebol; passagens por clubes de São Paulo; temporada jogada na Coréia do Sul; diferenças entre futebol na Ásia e no Brasil; passagem pela Seleção Brasileira; início do projeto Onze Unidos; perspectivas do Futebol no Rio Grande do Sul; Campeonatos disputados; perspectivas como jogadora.

Cachoeirinha, 06 de setembro de 2014. Entrevista com Karina Balestra da Luz a cargo da pesquisadora Suellen Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Bom, Karina, eu queria que tu começasse falando como é que foi a tua inserção no esporte em geral? Tu já iniciou no futebol?

K.L. – Sim, na verdade eu comecei na escolinha do Inter¹, com a Eduarda Luizelli² aos 14 anos. Comecei na escolinha do Inter porque não tinha outra opção na minha cidade, Cachoeirinha, onde eu moro hoje. Comecei lá na escolinha, com 14 anos e depois fiz parte da equipe adulta do Inter durante oito anos.

S.R. – Como foi a reação da tua família quando tu decidiu: “vou jogar futebol”?

K.L. – Meio que não foi uma surpresa, porque desde pequena, desde os sete, oito anos eu já corria atrás da bola junto com o meu irmão mais velho e ele já me incentivava assim no futebol e eu acho que foi uma coisa meio que de família mesmo sabe? Que o meu irmão gostava de futebol, meu pai sabe? Então foi meio que de família e, então, não foi surpresa. Claro que foi muito rápido, entrei na escolinha, logo já fiz parte da equipe adulta e enfim foi rápido demais. Acho que o susto veio depois quando foi a primeira viagem fora do estado e tal, que daí eles começaram a ficar mais assustados, mas no começo foi tranquilo.

S.R. – E quem te incentivou a entrar na escolinha?

K.L. – Foi um amigo do meu pai que tinha já um time feminino de futsal no bairro mesmo onde eu morava. E ele me viu jogar no colégio e me convidou, disse que tinha um time de futebol feminino me convidou eu joguei uns dois, três meses no time dele e ele: “eu acho que tu tem que entrar numa escolinha” e deu essa ideia para os meus pais e, enfim, eu gostei muito, porque eu jogava com meninas mais velhas, não jogava com meninas da minha idade e na escolinha não, na escolinha eu jogava com as meninas da minha idade

¹ Sport Club Internacional.

² Eduarda Marranghelo Luizelli, conhecida como Duda.

mesmo. Então foi a partir desse senhor, amigo antigo do meu pai que me incentivou mesmo.

S.R. – E como é que se deu esse processo de profissionalização? Tu inicou na escolinha e tu disse que foi muito rápido, que tu já foi para o time principal. Como é que aconteceu isso?

K.L. – Eu fui me destacando na escolinha, no meio de tantas meninas que tinham, era uma turma de muitas meninas e eu fui me destacando e a Eduarda, ela viu em mim uma coisa diferenciada, que eu acho que foi a mesma coisa que esse senhor que me incentivou a entrar na escolinha viu em mim, meio que: “essa menina tem futuro vamos tentar talvez fazer um time competitivo para pegar as melhores da escolinha”. E foi uma questão de seis, sete meses assim montaram uma equipe, já me chamaram e eu como não tinha muitas condições financeiras, para mim foi bom não pagar mais, não continuar pagando mais escolinha, a partir do momento que eles montaram a equipe, as meninas da equipe não precisavam mais pagar escolinha então pra mim foi bom. Então foi uma questão de seis, sete meses se não me engano assim na época que eu comecei a fazer parte da equipe adulta.

S.R. – Agora tu vai ter que puxar na memória. [risos]. Campeonatos que tu jogou com a equipe profissional, tu lembra?

K.L. – Campeonato Brasileiro Sub-17³, que foi o primeiro esse me lembro muito bem... Depois teve um Campeonato Brasileiro adulto logo depois...

S.R. – Tu lembra o ano?

K.L. – 1997.

S.R. – 1997?

³ Campeonato Nacional de Futebol Feminino sub-17.

K.L. – Isso. Foi meu primeiro Campeonato Sub-17, foi em 1997. E o Brasileiro adulto também foi em 1997, mas no final do ano.

S.R. – E aqui no estado? Existia Campeonato Gaúcho?

K.L. – Teve, a partir do momento que a gente montou a equipe adulta, na verdade, a equipe adulta era misturado Sub-17 com equipe adulta, mas eles falavam como equipe adulta. Eles fizeram Sub-17 ali só para jogar esse Campeonato Brasileiro depois continuaram com a equipe adulta. Jogamos o Gauchão⁴, foi nosso primeiro título. Jogamos o Gauchão depois fomos para o Brasileiro, acho que foi em novembro se não me engano por que faz tempo [risos].

S.R. – Mas isso tudo ali por volta de 1997?

K.L. – 1997 que começou tudo mesmo.

S.R. – E tu lembra de algum outro campeonato assim em particular sem ser o Gauchão que tenha jogado aqui dentro do estado?

K.L. – Copa SESC⁵, teve nesse ano. Eu me lembro que nesse ano 1997 teve uns três, quatro campeonatos acho. Copa SESC, acho que foi 1997 sim também.

S.R. – E as equipes que participavam?

K.L. – Eu me lembro do Tamoio⁶ que era um time que a gente falava que eram as veteranas, que a gente era tudo novinha ali 14, 15 anos. Daí tinha essas veteranas e a gente meio que tinha medo delas porque elas eram mais velhas que era Romana⁷, Tupã⁸, Adri⁹, a Mancha¹⁰ que era essas jogadoras mais assim consagradas. Eu me lembro muito bem dessa

⁴ Campeonato Gaúcho.

⁵ Serviço Social do Comércio.

⁶ Tamoio Futebol Clube da cidade de Viamão, RS.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

equipe, eu me lembro que o Grêmio¹¹ estava também com uma equipe mais ou menos que nem a nossa assim Sub-17 [INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]. Então, mas é só essas equipes que eu me lembro assim nessa Copa SESC que eu me recordo.

S.R. – Jogando futebol tu já sofreu algum tipo de preconceito?

K.L. – Olha... assim acho que eu sofri mais no colégio do que nos clubes.

S.R. – Tu lembra de alguma situação marcante ou de algum jogo ou do próprio colégio?

K.L. – É que existem vários tipos de preconceito, assim machista, eu acho que bastante do tipo: “o que querem apoiando o futebol feminino, se o futebol feminino não dá retorno nenhum?” Esse tipo de preconceito tem até hoje, esse tem até hoje. Agora aquele diz: “o que mulher quer jogando futebol?” Acho que isso hoje em dia não tem tanto, até tem mais é pouco...

S.R. – Mas tu passou por isso? Sofreu com isso?

K.L. – Sim, sofri, ali da minha época mais de colégio e jogando com a gurizada¹². Às vezes a gurizada dizia: “Não traz a tua irmã”, falavam pro meu irmão. “Não traz a tua irmã porque não dá, a gente não pode chegar forte nela”, desse tipo. Mas assim no Inter e na escolinha não, sabe? Nos campeonatos não. Agora esse preconceito que é diferente que é do pessoal: “não apoia o futebol feminino” esse ai tem até hoje todo mundo sabe. E esse tipo de preconceito, assim, agora de “ela é pior do que menino” não isso ai não, acho que nunca teve porque hoje em dia não tem como diferenciar futebol feminino e masculino. Ele está ali tecnicamente pra mim é a mesma coisa, só perdemos pra eles fisicamente eu acho, mas tecnicamente acho que não tem nada a desejar.

S.R. – Acabaram as atividades do Inter, tu lembra mais ou menos que ano?

K.L. – 2003.

¹¹ Grêmio Football Club.

¹² Expressão utilizada mais na região sul do Brasil para se referir a um grupo de pessoas jovens.

S.R. – 2003?

K.L. – Isso.

S.R. – E o que tu resolveu fazer assim depois que acabou?

K.L. – A primeira coisa que eu pensei que eu ia ter que parar de jogar futebol, porque eu não queria sair e ficar longe da minha mãe e do meu pai e eu só tinha mais opções em São Paulo e eu não queria. Tanto que eu já tinha recebido uma proposta pra ir pra São Paulo antes e eu não quis porque tinha o Inter e tal. Mas quando acabou o Inter, tipo ai veio a luz: abriu o Juventude¹³ e o pessoal do Juventude veio conversar comigo e com a Pati¹⁴ e tal. Só que o Juventude ia ser só no final do ano de 2004 então quer dizer que 2003... 2004 até o final do ano praticamente não iria jogar campo, foi isso que meio que prejudicou a gente, que a gente teve que jogar futsal pelo U.J.R.¹⁵ de Novo Hamburgo e futsal nunca foi uma paixão minha assim. Eu gosto de futsal tudo, jogo com as minhas amigas, mas nunca foi um desejo... Mas eu tive que jogar para continuar e tal e não perder. E daí eu joguei 2004 até a metade ali de setembro, quase final do ano joguei futsal. Daí fui pro Juventude e depois fiquei dois anos, um ano e meio no Juventude foi quando eu fui pra São Paulo depois final de 2005.

S.R. – São Paulo tu jogou em quais equipes lá?

K.L. – Meu primeiro clube em São Paulo foi o Botucatu¹⁶; o segundo clube foi o Corinthians¹⁷, o terceiro foi o São Bernardo do Campo¹⁸. E depois quando eu voltei da Coreia foi o Araraquara¹⁹ que eu fiquei três anos e meio, mas antes disso eu fiquei três anos na Coreia do Sul. Lá em São Paulo antes de ir pra Coreia eu fiquei em três clubes.

¹³ Esporte Clube Juventude.

¹⁴ Patrícia Regina Gusmão.

¹⁵ UJR Futsal – União Jovem do Rincão – Canoas, RS.

¹⁶ Botucatu Futebol Clube.

¹⁷ Sport Club Corinthians Paulista.

¹⁸ São Bernardo Futebol Clube.

¹⁹ Ferroviária/Fundesport de Araraquara.

S.R. – E como é que funcionou essa tua ida pra Coréia?

K.L. – Olha....

S.R. – Da onde é que surgiu assim, uma outra luz, digamos assim...

K.L. – Sim. Quando acabou o Corinthians em 2008 eu já estava querendo ir para fora do Brasil, só que apareceu duas oportunidades que não me chamaram muita atenção, não financeiramente, disse: “não vale a pena sair daqui por isso”. E daí acabei ficando no São Bernardo que as amigas meio que montaram um time lá no São Bernardo levaram todo mundo e onde ia uma ia todo mundo, então, levaram a gente para lá, eu e mais umas duas aqui do Rio Grande do Sul também. Fomos para o São Bernardo e daí lá eu meio que conversei com a Juliana Cabral²⁰, que era ex-capitã da Seleção Brasileira, medalha de prata nas Olimpíadas²¹. Conversei com ela e falei: “Jú, é o seguinte eu quero ir para fora do Brasil de qualquer jeito em 2010, tenho que ir se não for agora depois vai ser difícil, então estou numa idade, estou numa fase boa e eu quero ir”. E ela: “me passa teu vídeo, teu DVD”. Ai surgiu um país bem perto Coréia do Sul [risos], bem pertinho daqui. E daí ela logo pegou meu vídeo acho que foi questão de que, uns dois meses assim. Um empresário de São Paulo, o Eric²², já entrou em contato comigo e enfim fez o trâmite todo lá durante a transferência e tal e contrato. A proposta foi boa, então, eu não pensei duas vezes, porque era uma coisa que eu queria, queria ter uma experiência internacional. Então eu não pensei duas vezes, logo acabei aceitando a proposta, meio que balancei porque eu tinha uma proposta do São José dos Campos²³ pra jogar em 2010; tinha uma proposta boa, então, eu meio que fiquei em cima do muro, mas eu conversando assim com o pessoal da família e tal e amigos ia ser melhor pra eu sair, então decidi ir...

S.R. – Jogou lá durante quanto tempo?

K.L. – Três anos.

²⁰ Juliana Ribeiro Cabral.

²¹ Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

²² Nome sujeito à confirmação.

²³ São José Esporte Clube.

S.R. – Três anos? Em um time só?

K.L. – Em um time.

S.R. – E quais as diferenças assim que tu identifica no futebol jogado aqui no Brasil para o futebol jogado na Coréia ou Ásia de um modo geral?

K.L. – Posso estar sendo meio precipitada, mas eu acho que o futebol do Brasil tanto o feminino quanto o masculino está muito, atrás sabe? Está atrás em treinos, jogos são totalmente diferentes. Os primeiros jogos amistosos, quando eu cheguei lá, eu não encostei na bola para tu ter uma noção, é muito rápido, é muito rápido, é muito passe, é que nem ver o Barcelona²⁴ jogar hoje. Claro que é uma comparação meio difícil, mas é que nem tu ver o Barcelona masculino jogar hoje, tu pega qualquer time da Coréia até Sub-13 elas dão dois toques na bola e é passe, passe, passe. Acho que a única coisa que elas perdem ainda para nós é que elas não sabem fazer gol que nem o brasileiro sabe fazer. Então talvez foi aí que eu me destaquei quando eu cheguei lá. A bola quando chegava em mim eu queria driblar [risos] e o treinador sempre me chamava atenção, então eu pegava a bola e queria driblar e não era isso que eles queriam, eles querem que pegue a bola domine e passe, domine e passe. Então, acho que o Brasil está muito atrás disso ainda. Tipo, lá elas chutam com os dois pés sabe, não importa se é destra, tu nunca sabe se ela é destra ou se é canhota, tu não sabe, só perguntando assim. E aqui no Brasil não, aqui a gente tem dificuldade se a gente é destra a gente tem dificuldade pra chutar com a esquerda. Então lá é outra coisa que eu aprendi também, chutar com o pé esquerdo coisa que aqui é difícil. Então acho que no mais o Brasil está no caminho certo, acho que até está no caminho certo o futebol feminino, mas se tu vai para fora do país tu vê que é diferente, não tem como. Até porque quando eu fiquei três anos lá, que eu voltei pra cá para o Araraquara, eu estava perdida, parecia que eu não sabia mais jogar futebol brasileiro, porque me adaptei 100% lá, me adaptei a dar dois toques na bola, perdi minha característica de pegar a bola e ir pra frente, ir para o gol. Mas eu acho que o Brasil está muito atrás, principalmente no futebol feminino.

S.R. – E em relação a infraestrutura e organização?

²⁴ Futebol Clube Barcelona - Espanha.

K.L. – Ixe! Isso ai é...

S.R. – (risos)

K.L. – Não tem nem... Sem comentários... tipo, como é que eu vou te falar? Isso daí o Brasil está no zero ainda, parece que não saiu do lugar. O futebol feminino lá, e eu não acredito que seja só lá, acho que na Europa também... Enfim. Eu acredito que o Brasil ainda tinha que pegar alguns, como é que é que diz, exemplo sabe? Tipo, vai lá na Ásia e faz uma pesquisa com o futebol feminino e tenta se igualar pelo menos na estrutura, e a Ásia, como é que eu vou dizer? O Japão hoje pra mim é a força total do futebol feminino, o Japão hoje pra mim é a força total, nós lá, nós fizemos vários amistosos contra times do Japão que jogam na primeira liga, é muito equiparado os jogos Coréia e Japão, muito. Eu digo times, não Seleções, porque quando as Seleções se enfrentam também o Japão sempre se sobressai, mas os times são iguais sabe, tecnicamente e fisicamente então nem se fala elas correm que nem uns bichos. Então eu acho que ali a Coréia está mais ou menos ali na mesma do Japão sabe de repente muda ali umas jogadoras individuais, que tem aquela número dez do Japão considerada a melhor do mundo, a Coréia já não tem uma número dez, a Seleção da Coréia, que eu assisti muitos jogos lá. Mas a estrutura assim em si é igual a no masculino não tem diferença. O mesmo campo que o masculino joga o feminino também joga, o mesmo campo que o masculino treina o feminino também treina, entendeu? Se o masculino tem um uniforme da Adidas, o feminino também tem o uniforme da Adidas. Nada... Se está lotado o estádio para ver o do masculino também está lotado para ver o do feminino. Essas coisas que aqui no Brasil não tem, aqui falam futebol feminino “bota lá no campinho lá, cheio de buraco aquele lá” sabe? “é masculino? Masculino não pode jogar lá, bota no estádio”. Essas coisas assim, estruturas que eu falo.

S.R. – Pode-se dizer então que na Ásia o futebol feminino é valorizado?

K.L. – Muito!

S.R. – Que tipo de tratamento tu tinha lá, por exemplo?

K.L. – Tapete vermelho [risos]. Assim sendo mais específica, tapete vermelho porque eu, por exemplo, era uma jogadora estrangeira eu saia na rua o pessoal me conhecia, no *shopping* o pessoal conhecia. Porque acompanham, porque passa na televisão e enfim, o pessoal vai no estádio sabe quem é quem, sabe quem é a jogadora tal. Que nem a Pretinha²⁵ que está lá. A Pretinha hoje se pode dizer que é a jogadora mais famosa que tem na Coréia, aonde ela vai todo mundo conhece e logo que eu cheguei lá, eu e as outras brasileiras também logo já ficamos conhecidas porque estrangeira é mais fácil tu saber. Então lá uma coisa assim sensacional que tu chega no estádio tem gente olhando, não é aquela coisa “bah! Não tem ninguém, ninguém veio ver”. Vai muita gente no estádio, o pessoal eles fazem cerimônia de abertura de jogo, entra ali com o hino da *Champions League*, é uma coisa totalmente, muito, muito profissional mesmo, não tem comparação ao Brasil.

S.R. – E a mídia acompanha?

K.L. – Os jogos passam na televisão como se fosse para nós a Sportv. Lá é KBSN²⁶ o canal que passam os jogos sempre e também os jornais, sai direto em revistas e jornais. E eu acho que é por isso que o pessoal conhece também, mesmo quem não vai no estádio não tem como não saber quem é quem, porque passa na TV.

S.R. – E fora Coréia, tu tem alguma outra experiência em algum outro time?

K.L. – Internacional não, só com a Seleção daí.

S.R. – Bom, já que tu tocou no assunto [risos]. Como é que aconteceu a tua convocação pra Seleção Brasileira?

K.L. – Minha primeira convocação foi em 2001, eu tinha 19 anos. Eu estava bem preparada já pra ir pra Seleção, preparada assim, eu estava jogando só campeonatos Estaduais e Brasileiros que aconteciam uma vez a cada dois anos aqui. Isso que era ruim para nós, porque em 2000, 2001 se não me engano não teve Campeonato Brasileiro, foi

²⁵ Delma Gonçalves.

²⁶ Canal de televisão fechada voltado ao esporte da Coréia do Sul.

2000 eu acho. Então, eu estava meio assustada com a primeira convocação ainda, mas não tinha Sub-20 naquela época era principal, tinha que ir direto para principal lidar com Sissi²⁷ e companhia. Então para mim foi meio que um choque sabe? Cheguei lá fui muito bem tratada na Seleção em 2001, acho que as jogadoras mais velhas hoje, elas... como é que eu vou dizer... eu temia no passado ir com jogadoras mais novas do que com mais velhas, porque eu acho que as mais novas são mais marrentas do que as mais velhas, e hoje em dia é assim também. Então no passado eu fiquei meio assustada, eu falei: “será que eu estou preparada, será que eu não estou? A agora já era”. Mas eu estava numa fase super boa, eu estava numa fase boa no futebol, eu estava bem fisicamente...

S.R. – Estava no Inter?

K.L. – Estava no Inter em 2001. Estava no Inter ainda. E o ápice de qualquer jogadora é chegar numa Seleção e eu acho que quanto a isso eu me realizei.

S.R. – Tu lembra quais campeonatos tu jogou pela Seleção?

K.L. – Eu joguei Torneio das Quatro Nações que foi na Coreia do Sul. Com: Japão, Coreia do Sul, China e Brasil, era um quadrangular. E depois Pan-Americano²⁸. Não, joguei um Torneio Internacional, tipo aquele que tem no final do ano em São Paulo no Brasil, sabe? É tipo aquele só que não foi São Paulo capital, foi em Serra Negra, interior de São Paulo. Joguei em 2002... 2003 esse antes de ir para o Pan, nós jogamos esse Torneio Internacional. Veio Estados Unidos, veio Canadá, a gente foi campeã também, nesse Torneio Internacional. Depois uns quatro, cinco meses depois fomos viajar pro Pan. Daí foi o Pan-Americano onde a gente foi campeã.

S.R. – Foi?

K.L. – 2003.

S.R. – 2003 foi onde?

²⁷ Sisleide do Amor Lima.

²⁸ Jogos Panamericanos de São Domingos em 2003.

K.L. – Pan-Americano na República Dominicana, Santo Domingo.

S.R. – E como é que foi essa experiência?

K.L. – Ah! Eu era uma das mais novas da equipe, né. Eu, a Marta²⁹ e a Cris³⁰ acho que era as mais novas acho que a Marta e a Cris acho que eram mais novas ainda que eu; acho que uns 17, 18 anos e eu estava ali nos 21. E depois tinha as nega veia lá [risos]. Juliana Cabral, Andréia Suntaque que hoje já estão com 30 e poucos anos. E pra mim foi bom lógico, nós fomos campeãs e tal. Foi uma experiência, até cair a ficha eu estava assim: “pô campeã Pan Americana com a Seleção”. A repercussão que deu nisso, aqui na minha cidade e tal. Mas para carreira em si, no currículo. Também foi bem valorizado aqui no Inter, eles me valorizaram bastante, pena que logo depois acabou o Inter...

S.R. – Infelizmente.

K.L. – Uma questão de meses acabou o Inter.

S.R. – Tu lembra quantas vezes tu passou pela Seleção?

K.L. – Lembro. Assim convocações assim tu diz?

S.R. – É, convocações.

K.L. – Convocações, acho que foram umas oito convocações se não me engano. Porque foram 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006. 2002 eu não fui porque eu estava sem clube, estava jogando futsal. Então foram seis, tirando 2002 foram cinco anos de convocações. Acho que cada ano teve duas convocações então foram dez então. Foram dez convocações se eu não me engano.

²⁹ Marta Vieira da Silva.

³⁰ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

S.R. – E nessas dez convocações tu tem um Pan-Americano, um Torneio Internacional aqui jogado no Brasil...

K.L. – O Torneio das Quatro Nações, mas a gente não foi campeã, desse das Quatro Nações a gente ficou em segundo.

S.R. – Tu lembra de mais algum campeonato?

K.L. – Não, não. Foram esses três.

S.R. – Como é que foi o teu retorno para o Brasil? Depois de jogar na Coréia? Tu voltou e jogou no Araraquara?

K.L. – É, foi o primeiro clube que eu joguei depois que eu voltei da Coréia foi o Araraquara. Te falo que foi mais difícil eu voltar da Coréia e jogar aqui, do que eu ir daqui e jogar na Coréia. Porque quando eu voltei para cá, eu acho que os treinadores do Brasil comparados aos da Ásia são fracos, entendeu. Na Ásia eu cheguei eu tinha deficiência de pegar a bola dominar e tocar. Eu pegava a bola eu queria ir pra cima driblar e lá então eles tinham paciência de chegar e te falar: “não, é assim, é assado”. Aqui no Brasil logo que eu voltei parece que eu desaprendi a jogar com as gurias, eu pegava a bola e já queria tocar e aqui era o contrário o treinador queria que eu pegasse a bola e chamasse a “responça”. E daí eu demorei um pouco de novo para me adaptar a jogar no Brasil [risos]. Eu digo uma coisa, que é uma coisa louca, demorei o que um mês. Então eu pensei: “não vou mais conseguir jogar aqui!” Pensei: “não vou mais conseguir jogar no meu país, virei uma coreana praticamente” [risos]. Só que claro, o pessoal já me conhecia, sabia como eu jogava tiveram paciência e tal, mas foi bem difícil de eu me adaptar, tanto que eu me estressava comigo mesma, eu sou impaciente, eu me cobro muito. Às vezes eu me estressava comigo mesma, porque às vezes era uma jogada para eu ir dentro do gol, não eu passava. Coisas que eu aprendi na Coréia, eu reaprendi de novo. E eu acho o sistema da Coréia muito melhor do que do Brasil, de jogar. Sistema de treino de jogar e coisa, eu acho melhor lá. Porque eu fico comparando pegar o time que eu jogava contra o melhor aqui do Brasil, não tem graça, não ia ter graça o jogo, as gurias aqui não ia ver a cor da bola. Eu

faço muito essa comparação. Eu falo até com a treinadora³¹ hoje que eu estou jogando no time. E eu falo muito e ela também tem o conhecimento que ela estava lá junto. E eu falo nossa como eu queria que as meninas daqui jogassem que nem as coreanas, porque é muito rápido, quando tu pensa que vai roubar a bola a bola já está lá do outro lado, elas viram a bola com muita facilidade de um lado para o outro. Coisa que aqui no Brasil não, é muito difícil tu ver uma jogadora virar uma bola a não ser na Seleção.

S.R. – E dessa época que tu ficou fora, tu encontrou alguma diferença do futebol jogado anteriormente a essa tua partida para o futebol de agora? Por exemplo, alguma evolução ou alguma diferença? Tu identifica?

K.L. – Assim no caso quando eu fui pro Araraquara se eu vi alguma evolução das jogadoras daqui?

S.R. – Isso, exatamente.

K.L. – Sim, sim com certeza. Assim tu pega ali o jogo da Seleção Brasileira tu vê que elas não carregam muito a bola, tocam de primeira, as atacantes fazem aquela escoradinha para o meio, coisa que lá fora elas fazem muito. Só que eu acho que falta os clubes fazerem isso. Eu acho que a Seleção tem mais essa experiência porque jogam contra outros países e daí começa a pegar as técnicas, as táticas no caso. Mas nos clubes hoje tu não vê, entendeu? Eu não vejo, por exemplo, lá no Araraquara, tu pegava ali uma meia dúzia de jogadoras. Aí ouvia: “bah!, essa daí joga”, mas na Seleção Brasileira eu vejo que elas jogam bem tático, tipo dão um toque, dois na bola. Mas os clubes ainda falta bastante.

S.R. – Em relação a organização alguma diferença? Infraestrutura?

K.L. – Muita.

S.R. – Do tempo que tu ficou fora para agora?

³¹ Patrícia Regina Gusmão.

K.L. – Muita. Eu acho que não teve muita evolução, eu achava que ia melhorar mais, voltando. Eu acho que claro, apareceu mais oportunidades, montaram a Sub-15 que não tinha, montaram a Sub-17 que era lá de vez em quando que tinha... Tem muitos clubes que reabriram as portas. Eu acho que aqui no Rio Grande do Sul ainda parece que ninguém tem interesse no futebol, falo no futebol feminino. Então eu acho que em São Paulo, Rio de Janeiro é onde está mais o foco, onde têm mais, os clubes se interessam mais, os apoiadores se interessam mais. Mas aqui, falando do nosso estado aqui, pra mim... Diminuiu...

S.R. – Tu pode apontar algumas dificuldades que tu tem de jogar aqui?

K.L. – Sim. Os clubes não apoiam, não querem abrir as portas. Ficamos fora de um campeonato brasileiro esse ano por que dependia de camisa, dependíamos do Grêmio e do Inter, então isso já mata tudo que tu me perguntou. Nós aqui no Onze Unidos³² nós temos um time super bom, nós temos oito jogadoras com passagem por Seleção Brasileira, oito, não é uma, nem duas, são oito que já passaram pela Seleção Brasileira. A gente não pode jogar o Campeonato Brasileiro não pelo time, mas pela camisa. Não é clube, não é clube de série A, então já está uma coisa que na minha opinião é errado entendeu? E é isso aí.

S.R. – E financeiramente, teve algum momento que tu conseguiu te sustentar só jogando futebol?

K.L. – Na época do Inter eu era criança ainda morava com meus pais, eu falo criança por que morava com meus pai ainda [risos], mesmo que eu morasse sozinha não ia conseguir independentemente me sustentar. Mas depois, acho que o Corinthians foi o único clube que eu consegui ter um salário digno. Digno eu digo que eu pudesse pagar minhas contas e tal, [risos]. Que eu pudesse pagar um aluguel de repente. Acho que o Corinthians foi o único clube que me deu isso, só que durou um ano só, porque dava muito dinheiro para as jogadoras [risos], mas dura pouco. Mas eu só consegui comprar o que eu tenho hoje porque eu fui jogar fora do Brasil, entendeu. Porque uma jogadora como eu que não sou da Seleção hoje, que joga no Brasil, não ganha mais de mil reais, que não seja da Seleção, mesmo tendo futebol para estar lá dentro, mas não está, ganha mil reais porque não é da

³² Grêmio Esportivo Onze Unidos – Cachoeirinha, RS.

Seleção. Tu pode ser, pior do que aquela que não está na Seleção, mas se tu está na Seleção, tu já tem um salário de 3, 4 mil, entende o que eu estou falando?

S.R. – Sim, claro.

K.L. – Isso que o Brasil também tem que valorizar, independente, tem que valorizar pelo futebol e não pelo status. Entendeu? Tem que valorizar pelo futebol. Joga bem merece, está se destacando no campeonato, no time. Mas não, eles fazem pelo contrário, não, foi para Seleção. “Essa aqui é da Seleção, então essa vai ganhar 5 mil”; “Essa aqui joga melhor do que aquela que está na Seleção, não mas ela não é da Seleção, então ela vai ganhar só mil”, sabe? Então tipo que claro que tem que valorizar as meninas que vão pra Seleção, lógico, mas eu acho que no Brasil pecam muito nisso também, nessa parte.

S.R. – Me fala um pouquinho então da criação do Onze Unidos? Como é que surgiu essa iniciativa?

K.L. – Assim, na verdade eu sempre quis fazer um projeto na minha cidade, sempre, de futebol. Só que como eu estava muito envolvida com aqueles negócios da Coréia e eu ia voltar para lá esse ano, já tinha até assinado um pré-contrato, e eu achei que não era um bom momento para eu ficar aqui. Só que me procuraram da Secretaria de Esporte e da Prefeitura aqui de Cachoeirinha, eles vieram atrás de mim eles me procuraram para fazer o projeto, e queria que eu tivesse aqui e se eu não tivesse aqui ia ser difícil de conseguir patrocinador e tal. E eles vieram até mim junto com o presidente do Onze Unidos, que é o Cléo Pereira³³. Veio, me procurou, me passou tudo que ele queria fazer e tal e o que ele queria quais os campeonatos que ele queria disputar esse ano e perguntou pra mim se eu tinha interesse e tal e eu falei pra ele: “nós podemos tentar, só que eu estou com um pré-contrato assinado então tem que ser uma coisa certa, não pode ser uma coisa da boca pra fora, não adianta tu vir aqui me falar hoje depois amanhã tu esquecer”. E foi uma coisa muito rápida, quando eu vi já estava com o time montado porque eu conheço muitas meninas que estavam parada aqui, que tinham vontade de jogar num lugar decente, mas que tivesse no mínimo uma estrutura uma água pra beber, bola, roupa de treino, de viagem enfim. Então eu passei tudo isso pra ele: “Eu estou cansada de jogar em clubes brasileiros e

³³ Presidente do Grêmio Esportivo Onze Unidos

promessa, e promessa e chega lá e não é o que a gente espera”. E bah, foi uma coisa que foi muito rápido, fomos contatando as meninas, tinha a Patrícia que já tinha experiência como auxiliar na Coréia e tal, e daí eu conversei com ela e ela me ajudou no projeto, a gente montou o projeto junto com o Cléo e o pessoal da diretoria ali e mostramos para a Prefeitura, como eles queriam. Queriam que a gente disputasse e eles aprovaram na hora, fomos atrás de patrocinadores... Patrocinador grande, que é a Sbardacar³⁴ e a Dália³⁵. E enfim, estamos conseguindo, vamos dar o primeiro passo agora no Campeonato Gaúcho.

S.R. – Quais campeonatos que vocês disputaram esse ano e ainda vão disputar?

K.L. – A gente disputou Copa RS³⁶, está disputando ainda Copa RS a gente está na final, dia 14³⁷ contra o Ijuí³⁸. E agora dia 7³⁹, amanhã no caso, começa o Gauchão, o Campeonato Gaúcho⁴⁰, contra o Tapejara⁴¹.

S.R. – Casca grossa [risos]. Karina e quais são hoje tuas perspectivas para o futebol jogado no Rio Grande do Sul?

K.L. – Eu espero que o Rio Grande do Sul consiga fazer um campeonato Gaúcho forte, para ter um representante bom ano que vem na Copa do Brasil⁴², porque sempre passa Erechim⁴³, passa Tapejara, passa o Pelotas⁴⁴, passa o Canoas⁴⁵, e não passa da primeira fase do campeonato, da Copa do Brasil. Então assim, eu acho que tem que começar um Campeonato organizado sabe? Um campeonato organizado, pela AGF.

S.R. – AGFF.

³⁴ Concessionária Fiat.

³⁵ Empresa Dália Alimentos.

³⁶ Campeonato de futebol jogado por mulheres.

³⁷ 14/09/2014.

³⁸ Esporte Clube Ijuí (RS).

³⁹ 07/09/2014.

⁴⁰ Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.

⁴¹ Atético Tapejara (RS).

⁴² Campeonato de futebol jogado no Brasil.

⁴³ Atlântico Futebol Clube.

⁴⁴ Esporte Clube Pelotas.

⁴⁵ Canoas/Duda.

K.L. – Associação Gaúcha de Futebol Feminino. Então acho que eles têm que fazer. Eu até concordo com eles fazer Campeonato Sub-17, Sub-15 é legal, só que pra isso eles tem que ver que nos clubes é difícil de manter um time adulto, tu imagina tu botar mais um Sub-15 lá no Campeonato Gaúcho, sabe? Então a gente depende de apoiadores e no Rio Grande do Sul hoje ninguém mais se importa, ninguém mais se interessa por futebol feminino. Não vou generalizar ninguém, porque a gente tem apoiadores fortes. Só que digo assim como o Onze Unidos conseguiu e está conseguindo fazer uma equipe competitiva, eu acho que o Pelotas também pode, o Canoas também pode. Por que não? Eu acho que talvez sejam os envolvidos que querem fazer, sabe? Que talvez queiram só pegar o deles e as meninas. Então acho que falta isso ainda. E aqui no Onze não, aqui no Onze a gente encontrou pessoas que querem que o futebol feminino evolua, não querem que fique assim. Por mais que o Onze seja um clube de várzea, amador no futebol masculino hoje, mas já é um clube, já é uma entidade entendeu? Uma associação no caso. Então eu acredito. Por que um Pelotas não pode fazer se um Onze Unidos de Cachoeirinha⁴⁶ fez? Por que um Canoas não pode fazer? Então acredito que seja sim os clubes porque se eles tivessem mais interesse eles conseguiriam. É só ir atrás.

S.R. – Dinheiro tem?

K.L. – Dinheiro tem, exatamente. Um pouco de cada, um ali, daqui a pouco tu consegue formar uma estrutura...

S.R. – E as tuas perspectivas quanto à jogadora de futebol?

K.L. – É aquilo que eu sempre falo pra Pati e para as meninas todas do time, eu olho essas meninas jogando hoje de dezenove, vinte anos... Eu não troco meu futebol por nenhuma delas. Olha essa Sub-20 do Brasil que jogou agora, acho que todo mundo acompanhou e viu o que aconteceu, talvez não foi culpa das meninas, mas Bah! eu estou com 32 anos hoje, eu consigo correr os 90 minutos e sair bem de dentro de campo. Eu acho que tudo é... como é que eu vou te falar? Se cuidar. Claro não vai também, “não vou beber nunca, não!” Se cuidar, não fumar, treinar. Eu acho que é tudo isso, é treino, alimentação e isso eu faço super bem. E eu acho que eu treino seis vezes na semana... Cinco vezes na semana, jogo

⁴⁶ Município do estado do Rio Grande do Sul.

uma e descanso uma sabe? Tu pega a Formiga⁴⁷ está com 36 anos e para mim ela é uma das melhores jogadoras que tem no Brasil ainda. Então eu acredito que tem gente que me fala: “tu não pode parar de jogar agora porque tu ainda parece uma guriuzinha de 15 correndo”. O pessoal brinca tudo. Eu não, eu só vou parar de jogar se um dia eu ver que eu estou muito atrás. “Bah eu não estou acompanhando mais”. Acompanhar minhas colegas ali de equipe: “bah, não estou conseguindo mais render estou prejudicando.” Ou o dia que a minha treinadora ou o meu treinador chegar em mim e falar: “Karina, eu acho que está na hora”. Mas eu me cuido, eu treino. Eu quero ganhar mais um Campeonato Gaúcho esse ano, que ano passado bateu na trave [risos] com o Canoas. Eu voltei de São Paulo só para jogar as finais. Semi-finais e finais pelo Canoas, e enfim, eu queria voltar da Coreia já tendo um título Gaúcho, mas tudo bem esse ano nós estamos bem preparadas eu estou bem preparada e eu acredito que esse ano não vai bater na trave. Então, o meu objetivo esse ano é uma coisa de cada vez. Esse ano é o Campeonato Gaúcho, Copa RS que tem lógico a final agora já que estamos na final vamos ganhar [risos], e o Gauchão, que eu acho que do estado é o maior, que dá vaga pra Copa do Brasil. Então um passo de cada vez. Eu até brinco com o pessoal, que “quando eu parar de jogar eu vou ser preparadora física desse time e vocês vão ver”. É isso aí, como jogadora...

S.R. – Tem alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de falar? Em relação a tua carreira, algum campeonato, algum nome que tu queira citar? De times?

K.L. – Eu me considero uma jogadora realizada. Se eu tivesse que parar de jogar hoje por algum motivo de saúde ou outro... Eu me considero uma jogadora realizada. Hoje eu posso chegar nas pessoas e falar: “Eu ganhei um Campeonato Brasileiro, eu ganhei um Campeonato Estadual, já ganhei campeonato internacional com um time, já ganhei um campeonato com a Seleção”. Então, graças a Deus eu não tenho nada para reclamar. Claro que esse a gente está jogando, a gente sempre quer ganhar lógico. Mas eu me considero uma jogadora realizada, sabe? E claro que tem nomes que a gente gosta de citar, como exemplos a seguir, que foi a Juliana Cabral que me incentivou a ir para fora e conseguiu para mim. A Patrícia Gusmão que é a treinadora do Onze Unidos que já esteve muito jogando do meu lado também, enfim, tantos outros nomes né [risos].

⁴⁷ Miraildes Motta.

S.R. – Só voltando um pouquinho nesses campeonatos. Tu tem quantos Campeonatos Gaúchos?

K.L. – Bah! Deixa eu ver... Nove com o da Tatiele⁴⁸ em 2010. Nove Campeonatos Gaúchos. Oito com o Inter e um com a Tatiele. Não! Sete com o Inter, dois com o Juventude e um com a Tati. São 10 Campeonatos Gaúchos.

S.R. – Campeonato Brasileiro?

K.L. – Campeonato Brasileiro a gente ganhou, um, dois? Com o Inter a gente não ganhou nenhum, com o Botucatu ganhamos um. Botucatu de São Paulo ganhamos um.

S.R. – E esse internacional que tu disse?

K.L. – Esse ai foi com o Suwon⁴⁹, campeã da WK League, 2010. E daí o da Seleção que foi o maior, que foi o Pan-Americano.

S.R. – Bom Karina, meus parabéns. Te agradeço pela entrevista...

K.L. – A fui campeã paulista também.

S.R. – A campeã paulista! Por quem?

K.L. – Esqueci [risos].

S.R. – Por qual time?

K.L. – Pelo Botucatu também.

⁴⁸ Tatiele Silveira.

⁴⁹ Equipe de futebol da Coreia do Sul.

S.R. – Pelo Botucatu. Que bom, então a gente fica a disposição, qualquer coisa que tu precisar, te agradeço, obrigada. Pelas informações e por disponibilizar o teu tempo principalmente.

K.L. – De nada, quando precisar estamos aí.

S.R. – Obrigada viu?!

K.L. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]